

JORNAL: TRIBUNA DA IMPRESA LOCAL: _____

DATA: 10 / 10 / 1953 AUTOR: JOSE CARLOS DE MACEDO MIRANDA

TÍTULO: _____

ASSUNTO: MARCELO DE MIRANDA COMUNICA O DESAPARECIMENTO

DOS POEMAS POR ELE CRIADOS E AS ILUSTRAÇÕES FEITAS PELO IVAN PARA O LIVRO QUE SERIA EDITADO

Rio de Janeiro, 10-11 de outubro de 1953

Carta aberta ao pintor Ivan Serpa

JOSE CARLOS DE MACEDO MIRANDA

SOU um pobre, não sabe, um pobre rapaz da roça, que, quanto mais vivo, mais me dá vontade de ir para o Rio de Janeiro, menos ao Rio de Janeiro se habituou. O contato da gente ilustre me encabula, e só circunstâncias incontroláveis me obrigam a procurar cavalheiros sediados em altas planas do país literário e artístico.

Vocês, artistas plásticos, de modo geral e por determinados motivos, receberam com carinho o bisonho recém-chegado de Resende, que vinha com algumas idéias confusas na cabeça, fangido pela búrrice conterrânea para estes altos mares de fácil naufrágio e navegação à mercê de escolhos. Não pode também o rapaz se queixar dos que elegera futuros colegas, escribas em prosa e verso. Falo dos poucos dos pouquíssimos que ao rapaz foi dado conhecer.

Entretanto, meu bom Ivan, a amizade de alguns artistas foi a causa remota das lamúrias em que ora me acho afundado, chorando a morte de vinte e cinco filhos, os melhores, os mais belos, os que o pai, entre alvoroçado e tímido, ia lançar ao mundo, não como um bando de pombas, para trazer a paz, e sim como um pelotão de arautos, para levar a guerra. A guerra santa, já se vê, essa que se trava na atmosfera do imponderável e que a alguns deleita chamar jogos florais. Esses vinte e cinco filhos, Ivan, esses vinte e cinco poemas, essas vinte e cinco ilustrações, Ivan, cinco vezes trinta e sessenta e cinco das levei para o Rio. Fraco em matemática, não me abalanco a apresentar-lhe a média de quadros, gestação de cada um. Imagine, porém, que você levasse igual tempo para pintar igual número de quadros que um colega seu, um amigo ao qual quisesse bem, e depois zosse e destruísse, depois zombar de você e magoaria e fazê-lo sentir-se desamparado e desamparado.

Naufragaram meus poemas Ivan. E, como você pode achar que isso não é da sua conta, esta carta é feita para informá-lo de que o naufrágio consumiu também as belíssimas cento e cinquenta ilustrações que você levou meses fazendo para acompanhá-los, oferecendo-lhes o seu para do seu nome, tão importante quanto simpático, no mundo estranho, talvez hostil a que iam os vinte e cinco neófitos aventurar-se.

Como já fiz constar, sou um humilde moço de Resende, que vive com os pés no asfalto e o coração no sopé do Itatiaia, às margens do Paraíba, fontes de inspiração de todos os poetas lidos e vindouros daquele heroico município. Sou um municipal, portanto, e dos de raça, irredutíveis e irremediáveis. Ingênuo sou, portanto, medroso (hoje com razão) de que me passem a perna, me batam a carteira, me vendam bilhete premiado. Ser municipal também significa não respirar a ilustre. Ilustre não sendo, citado não poderia ser, digamos, na despedida que o sr. Tiago de Melo fez estampar, esta semana, em "O Globo", e onde aparecem alguns dos nomes que exornam a fina flor da intelectualidade patricária. Outros motivos, entretanto, haviam que poderiam induzir o sr. Melo a incluir o nome obscuro deste varão de Resende, tímido e desajetado com tal honra e tal glória, mesmo no extremo da fila, depois do menos categorizado dessa hierarquia.

Um dos motivos, prezado Ivan, se resume em haver o sr. Tiago dado sumiço aos meus vinte e cinco filhos, ou poemas, e às seis vezes mais ilustrações que para eles você fez. Não falo em dinheiro (nessa questão rebugna ao tímido porém reto filho das Agulhas Negras), mas falo com imensa tristeza. Falo também sem raiva, pois quem pode odiar um poeta, ainda que, Saturno a moderar, não tenha devorado os nossos filhos, limitando-se a abandonar os seus nessa moderna roda de expostos que se dá em taxi demandando o ser humano? Não, Ivan, não se pode odiar um poeta. Mas pode-se e deve-se, ficar muito triste, quando um poeta se julga que outro poeta é importante e mínimo, e não tenha o direito de escolher seus filhos, com amor e igual desesperança.

Era o que eu queria lhe dizer, Ivan, nestas tracadas, que já se fazem longas. Espero, de sua generosidade, que você apenas sinta o esforço inútil e ainda ache um tempinho para argumentar comigo essa desfeita que, se não abalou o mundo, abalou-me a mim. Abalou a crença quase cega que eu tinha nos poetas e na lealdade dos poetas uns para com os outros. Se, entretanto, acha que devo compensar seus esforços, Ivan, desculpe-me a cruza do que digo e não me queira mal por não posso pagar. Não um salário de desprezo nem numa avaliação do que você criou por amizade. Bem sabe que não pagaria a prestações e, sem grandiloquência, com o suor do meu rosto.

Trata-se, afinal, apenas do seguinte: meu excelente Ivan Serpa, o Paraíba é um rio pequeno, embora a imensidade que lhe emprestem os poemas resendenses, o Paraíba é um rio desproporcionoso e envergouçado. Um rio de roça. Mas honesto. Quanto ao Amazonas, Ivan, não sei. Nunca fui lá.